

20 de março de 1951

Literatura Experimental

Quem acaba de morrer é um excelente pretexto para os que escrevem. E André Gide conservará por muito, muito tempo ainda, este calor de espiritualidade, tão denso e duradouro que diante dele chegamos a nos iludir, pensando que não se dissipa nunca. Nessa temperatura sem matéria prossegue o grande inventário da obra gideana, e seus gestos, suas formas, os valores que o escritor criou em todos os sentidos da vida, alimentam hoje o comentário interminável. Porque é um lugar comum dizer-se que o desenho de uma existência só adquire seus contornos definitivos sob a pausa da morte.

Em geral, as ciências descobrem. O que estava oculto e não feria nossa percepção através da espessura dos nossos ingênuos instrumentos de sensibilidade, acaba sendo chamado à tona pela sondagem mais aguda dos aparelhos que inventamos. Ao longo de um trabalho apaixonado de pesquisa, pensadores solitários conseguiram penetrar nesses mundos herméticos que esperavam, que pareciam esperar pela inteligência dos homens para se desdobrarem no panorama da ciência. A princípio lentamente, pela incapacidade de sondagem, depois com uma aceleração crescente, quando novas máquinas de pesquisa foram sendo criadas, quando a lâmina do espírito de indagação mais se aguçava, avançando levada pelas antecipações filosóficas, pelos presságios da poesia, pela antevisão matemática, em um tempo cada vez mais curto as conquistas se tornando cada vez mais espantosas. Um tratado de física com um ano de idade já se tornou suspeito. Mas os gestos de Hamlet, através dos séculos, continuam tão vivos como no primeiro instante.

Gide foi desses escritores que pretenderam fazer alguma coisa nova nos domínios do romance, no mundo da ficção. Nesse setor da atividade humana que não se renova nunca, que não é como a ciência que descobre,

inventa, e cria valores imprevistos para admiração dos homens. A literatura é um mundo de horizontes limitados, de fronteiras tão próximas umas das outras, que os caminhos terminam logo ali adiante, quando a capacidade de compreensão dos homens atinge ao seu máximo de clarividência ou de paciência. Um Joyce, em *Ulisses*, só adquire uma importância de raridade, passa a existir como peça de estudo em clínica psicológica. As tentativas dos surrealistas, como seus filmes, ficaram orquídeas de estúia, numa exibição de clube só para os raros.

Gide partiu das exigências da realidade, e sem pretender renovar a substância dos textos, mas apenas a sua ordem e significação introduziu no romance essa mistura de primeira com terceira pessoa, que empresta ao texto mais um elemento de realidade, pela dissociação entre o autor e a obra, criando dois planos, estabelecendo um relevo ilusório mas eficaz. *Les Faux Monnayeurs*, é o romance que contém essa experiência.

Diante dessa tentativa que pelo menos enriqueceu o campo da pesquisa literária, somos levados a pensar em Valery e nas suas meditações sobre o assunto. Pois não será nenhuma novidade imaginar-se para os trabalhos da ficção o mesmo espírito que alimenta os pesquisadores da ciência. Podemos conceber o labor e as preocupações de uma inteligência dirigida nesse rumo. Partindo das realidades mais elementares sobre as quais se baseia a arte de escrever, ir aos poucos alargando os horizontes desse conhecimento que, no dizer de Valery, ainda se encontra em plena mitologia. Esclarecer o mais possível as relações entre o texto e a emoção do leitor, coisa que na realidade sempre foi explorada empiricamente, mas que deve conter em estado potencial capacidades desconhecidas, bem mais eficazes que essas comumente empregadas pelo nosso conhecimento adquirido através de uma experiência involuntária.

Gide realizou com bastante êxito uma experiência nesse sentido. Mas naturalmente ainda ficou muito aquém das possibilidades que devem existir nesse terreno quase desconhecido. A impressão que se tem diante do panorama literário da atualidade, é a de um impasse. Certos valores teto parecem atingidos há muito, o que se verifica em poesia, por exemplo, onde as novas expressões surgidas na Europa e nos Estados Unidos, para só referir os centros mais densos de atividade nesse sentido, afinal não fazem mais que renovar técnicas ou procurar novos caminhos numa pesquisa sem dúvida impressionante, mas ainda

sem conseguir esse grão de novidade que a paciência de Valery parece ter sido a última a revelar em certas passagens de sua obra recente.

No romance, entretanto, há sempre alguma coisa. E também no teatro. Se nos aproximamos da obra de Sartre com o espírito completamente desprevenido, desejando apenas conhecer e sentir o ficcionista, sem nenhuma preocupação política ou filosofia, seremos obrigados a confessar que estamos em presença de uma força dramática das mais vivas na literatura dos tempos modernos. Alguma coisa nova e imprevista parece existir na densidade dessas novelas. Uma face do mundo ainda não explorada com a mesma intensidade de relação entre a vida e o texto, a realidade íntima dos homens e a maneira de fixá-la pela escrita. Uma força, um pulso de escritor que naturalmente emanam de seu mistério pessoal, da energia viva de seu espírito de criador literário, mas também, sem dúvida nenhuma, um artesanato levado as suas últimas consequências por uma preparação técnica prolongada em extensão e mergulhada em sondagem nas relações obscuras entre o homem e o mundo.

Um dos estudos mais interessantes já realizados nesse sentido, mas sem intenção literária, apenas com propósitos pedagógicos, é o que se refere às cores das palavras. Estatísticas curiosas tem sido levadas a cabo nas classes escolares mais diversas, sondando cada hierarquia intelectual nesse particular e os resultados são interessantes. Cada palavra encontra sua cor correspondente, com uma freqüência estatística, no espírito humano. Isso numa pesquisa entre alunos das mais variadas idades. O que corresponde exatamente, ao resultado obtido com o exame de textos de escritores onde determinados sentimentos predominam. A predominância de vocábulos escuros em novelas de Edgar Poe confrontadas com os resultados das indagações já citadas, vem coroar de êxito a pesquisa.

É claro que estamos apenas no início de um atalho ainda misterioso no mundo do espírito humano. Mas que amanhã poderá representar mais um setor do conhecimento, onde os nomes de Mallarmé, de Valery, de Gide e de Edgar Poe figurarão na lista dos pioneiros.

Com o seu romance estranho, baseado nas realidades do noticiário cotidiano, Gide contribuiu com o seu estilo pessoal tão diferente no certame da novelística moderna, para que mais um passo fosse dado nessa direção. A que levará a literatura de ficção a criar os seus sábios de laboratório,

capazes de dosarem a emoção de acordo com a densidade dos textos, a cor das palavras, os artifícios de posição que costumem repetir na novela, enriquecendo-as, as situações que realmente acontecem na vida de cada dia.

Tudo isso para conseguir, talvez, o que alguns sem técnica aparente e numa espontaneidade de loucura já realizaram se deixando levar pelo demônio íntimo, numa torrente involuntária, como Marcel Proust, tão alto na hierarquia desses valores, e que escrevia mal emergindo do fundo espesso de sua enfermidade.